



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

DANILO POSVAR CARNEIRO

**REPRESENTAÇÕES E ESTIGMAS EM TORNO DO “INFERNINHO” NO  
GAMA (1972-1980)**

Brasília

2023

DANILO POSVAR CARNEIRO

**“Representações e Estigmas em torno do “Inferninho” do Gama (1972-1980)”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do grau de bacharel e licenciado em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Cristiane de Assis Portela

Brasília

2023

## REPRESENTAÇÕES E ESTIGMAS EM TORNO DO “INFERNINHO” NO GAMA (1972-1980)

Danilo POSVAR CARNEIRO

**Resumo:** Neste artigo, pretendemos analisar as representações construídas por fontes jornalísticas, nas décadas de 1960 a 1980, em torno da “favela” e/ou “invasão” do “Inferninho”, comunidade localizada na região administrativa do Gama no dito “entorno” da capital Brasília e pertencente ao Distrito Federal brasileiro. Argumentamos que o processo de construção da nova capital, esteve diretamente calcado na periferização nos processos de migração que contribuíram para uma narrativa voltadas para estigmas sociais, e os articulando com o conceito de Estigma proposto por Erving Goffman.

**Palavras-chave:** Correio Braziliense, Distrito Federal, Estigmas, Gama, Inferninho.

**Abstract:** In this article, we intend to analyze the representations constructed by journalistic sources, in the decades from 1960 to 1980, around the “favela” and/or “invasion” of “Inferninho”, a community located in the administrative region of Gama in the so-called “surroundings” of the capital Brasilia and belonging to the Brazilian Federal District. We argue that the construction process of the new capital was directly based on the peripheralization of migration processes that played into a narrative focused on social stigmas, and articulating them with Erving Goffman's concept of Standard Stigma.

**Keywords:** Correio Braziliense, Federal District, Stigmata, Gama, Inferninho.

### 1. Introdução

“Uma das lembranças mais significativas que tenho de minha infância foi ouvir muitas histórias contadas pelo meu pai e por pessoas mais velhas, sobre a vida nesta Brasília recém-construída e mais especificamente, aquelas histórias do Gama, cidade em que vivo e localidade em que tenho vínculos profundos de pertencimento. Dentre as representações que mais me chamavam atenção nesses relatos orais estava um lugar chamado Inferninho do Gama. Eram histórias dos anos 60, 70, daqueles tempos de

ditadura, migrações ainda recorrentes, uma capital que parecia quase se esquecer de ser uma cidade, mas que só fazia sentido pela labuta cotidiana daquelas cidades então consideradas “dormitórios”. O Gama era uma dessas cidades. Já naquele momento uma periferia. Em compensação, o Inferninho era a periferia desta periferia. E eu já reconhecia naquele momento essas diferenças, que vinham na forma do que somente muito depois, eu compreenderia como sendo, estigmas. [...]”

O novo Distrito Federal<sup>1</sup> brasileiro (Figura 1) ganhou forma com a construção da nova capital, Brasília. Sendo esta inaugurada em 1960, passou a ser a nova sede do governo federal, criando uma metrópole no planalto central e com famílias oriundas de todos os territórios nacionais e do estrangeiro. Com o objetivo de ser uma capital moderna, futurista e visionária, demonstrando o retrato de um Brasil desenvolvido, tem sua história muito bem retratada pela imprensa e propaganda desde o surgimento da pedra fundamental da sua construção.

O objetivo deste artigo **não** é retratar as narrativas hegemônicas<sup>2</sup> muito conhecidas por aqueles que visitam a capital, e sim demonstrar as diferenças sociais enfrentadas pelas comunidades que migraram para o Distrito Federal com a perspectiva de um novo recomeço de vida na nova capital no cerrado brasileiro. A problemática central é observar o processo migratório no DF, voltado para as comunidades mais pobres, e principalmente as dificuldades e preconceitos por eles enfrentados nesta jornada, o qual muitas se viram em situação de insalubridade e abandono pelos órgãos públicos, vivendo em favelas dentro das cidades periféricas que surgiram no DF.

A história do tempo presente<sup>3</sup> do Distrito Federal, nas últimas décadas passou a ganhar maior relevância no ambiente acadêmico regional. Demonstrando a importância de se estudar a periferia no processo de construção da nova metrópole, pesquisadores

---

<sup>1</sup> O novo Distrito Federal brasileiro foi criado em 1960 com a construção da nova capital Brasília, já o antigo (1891 a 1960), possuía sua sede na cidade do Rio de Janeiro que até então era a capital do país.

<sup>2</sup> **Hegemonia cultural** é um conceito formulado por Antonio Gramsci para descrever o tipo de dominação ideológica de uma classe social sobre outra, particularmente da burguesia sobre o proletariado, o que se manifesta, por exemplo, quando os interesses da alta burguesia de um país são identificados aos interesses de toda a sociedade do país ou quando a historiografia se concentra apenas em grupos ou indivíduos de elite.

<sup>3</sup> A **história do tempo presente** é um campo dos estudos históricos voltado à análise das rupturas e permanências do passado no presente. Este campo encontrou, no início do século XX, seus primeiros movimentos de institucionalização em países como a Alemanha e a França, após a Segunda Guerra Mundial.

ajudam a criar uma narrativa para compor a história regional do DF, diferenciando o cotidiano dos brasilienses de periferia simples, da sofisticada narrativa central e utópica de Brasília.

Para aquelas comunidades que vivem no Distrito Federal que carecem de uma narrativa de história regional, as narrativas levantadas no simples diálogo com os moradores, e até mesmo observando o ensino nas escolas, o pouco que se é abordado está diretamente ligada a narrativas hegemônicas, e essas narrativas não são a realidade do cotidiano das periferias que pertence a maioria absoluta da população do DF.

Por esse motivo, artigos como este, que retratam um pouco dessa realidade e do passado histórico das cidades, ajudam a construir uma melhor narrativa histórica, já que o tema não recebe o devido mérito. Ajudando a demonstrar melhor as identidades individuais que constituem cada cidade pertencente à periferia de Brasília, e enriquecendo a cultura local com fatos históricos de seu passado há muito esquecidos e/ou distorcidos em uma narrativa generalizada.

O recorte das fontes aqui utilizadas nos diz a respeito da história local da região administrativa do Gama-DF nos períodos da década de 1960, 1970 e 1980. Neste período, o Brasil estava passando por uma ditadura militar<sup>4</sup>, o processo administrativo era ligado diretamente à hierarquia e à indicação militar, e no Distrito Federal essa forma de governo era muito mais evidente. Os administradores das regiões administrativas (periferias), assim como é hoje, são indicados diretamente pelo governador do Distrito Federal, ou seja, no DF não existem municípios da forma convencional e o governo é centralizado.

O Gama foi uma cidade planejada, arquitetada por Paulo Hungria<sup>5</sup> que criou em 1960 sua planta urbanística para abrigar a população da construção de Brasília, possui o

---

<sup>4</sup> A ditadura militar no Brasil **durou 21 anos, teve 5 mandatos militares e instituiu 16 atos institucionais** – mecanismos legais que se sobrepujam à Constituição Federal. Nesse período houve restrição à liberdade, repressão aos opositores do regime e censura.

<sup>5</sup> O arquiteto **Paulo Hungria**, em maio de 1960, desenvolveu a planta urbanística da cidade, na forma de colmeia, dividindo-a em cinco setores: Norte, Sul, Leste, Oeste e Central. O Setor Central (para atividades mercantis) não foi detalhado em função das necessidades futuras. Porém, coube ao engenheiro José Maciel de Paiva, por ordem do então prefeito Israel Pinheiro (ex-presidente da Novacap), instalar um núcleo pioneiro e promover as primeiras transferências, iniciadas a partir de setembro de 1960. Foi auxiliado pelo engenheiro José Carlos Godoy, pelo fiscal Agnelo Dias Correia (que juntamente com sua mulher são considerados os moradores pioneiros da cidade), pelo mestre-de-obras Joaquim Santana, entre outros. A então cidade-satélite foi fundada no dia 12 de outubro de 1960. O povoamento inicial foi efetuado com a remoção de 30 famílias residentes na Barragem do Paranoá, em 1960. Posteriormente a cidade recebeu

formato peculiar de uma colmeia, sendo a mesma dividida em cinco setores: Norte, Sul, Leste, Oeste e Central. (Figura 2) Possui este nome devido a região que se encontra pertencer a uma fazenda que levava o nome de um dos primeiros sacerdotes que chegou na região; o padre Luís da Gama Mendonça<sup>6</sup>.

**Figura 01-** Regiões administrativas do Distrito Federal atualmente



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%B5es\\_administrativas\\_do\\_Distrito\\_Federal\\_%28Brasil%29#/media/Ficheiro:Mapa\\_das\\_Regi%C3%B5es\\_Administrativas\\_do\\_Distrito\\_Federal\\_\(Brasil\)\\_2.png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%B5es_administrativas_do_Distrito_Federal_%28Brasil%29#/media/Ficheiro:Mapa_das_Regi%C3%B5es_Administrativas_do_Distrito_Federal_(Brasil)_2.png)

**Figura 02-** Parque Urbano do Gama atualmente<sup>7</sup>.

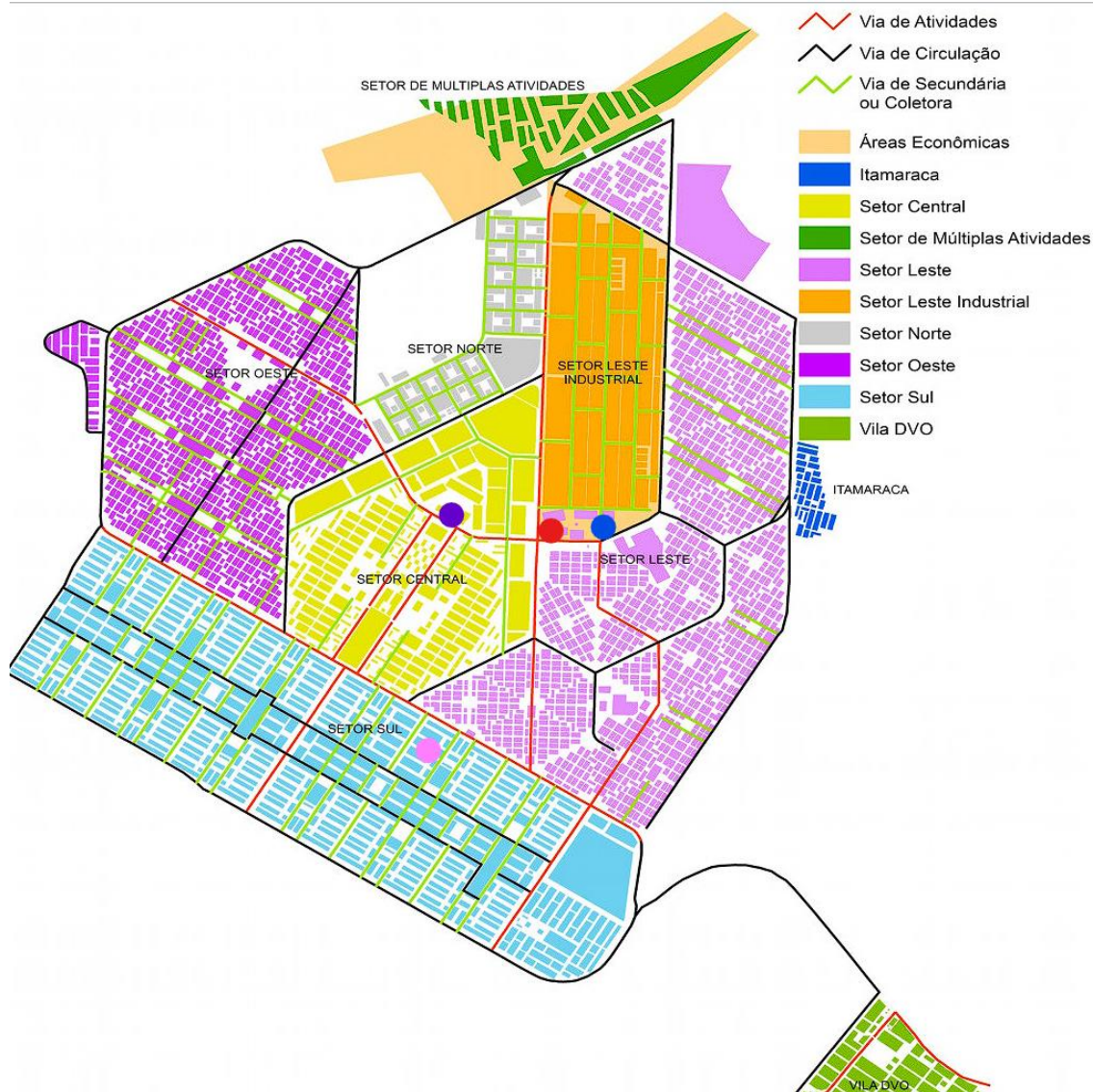
grande parte dos moradores da Vila Amaury e da Vila Planalto. Em 1970, foram transferidos os habitantes instalados no Setor de Indústria de Taguatinga.

<sup>6</sup> Em agosto de 1746, o bandeirante Antônio Bueno de Azevedo saiu de Paracatu, em Minas Gerais, chefiando uma grande tropa rumo ao noroeste. Depois de ter atravessado chapadas, rios, veredas e ribeirões, chegou, no dia 13 de dezembro, num riacho em cujas areias descobriu ouro. A decisão foi de fundar ali um povoado, o qual recebeu o nome de Santa Luzia, em homenagem à santa do dia. O riacho ficou conhecido como Rio Vermelho, já que tinha suas águas sempre barrentas por causa da lavagem do ouro. O povoado de Santa Luzia se transformou no que é hoje a cidade de Luziânia, em Goiás.

No começo de 1747, chegou a Santa Luzia, o primeiro sacerdote, a pedido do próprio Bueno: o padre Luís da Gama Mendonça. Supõe-se que, em homenagem ao padre, foi dado o nome "Gama" ao platô e ao ribeirão. As terras que hoje constituem a região administrativa do Gama, pertenciam às fazendas do Ipê, Alagado da Suzana, Ponte Alta e Gama.

A sede da Fazenda Gama ficava próxima ao local onde está o Catetinho (primeira residência oficial de Juscelino Kubitschek), porém a cidade chegou a ser instalada a oito quilômetros deste ponto de referência. O então presidente da república Juscelino Kubitschek visitou a Fazenda Gama em 02 de outubro de 1956, na ocasião de sua primeira visita à região onde seria construída a futura capital federal.

<sup>7</sup> O mapa demonstra a planta urbanística do Gama e seus setores. O círculo vermelho representa a localização da favela do "Inferninho". O azul, a praça número 01, com o cine Itapoã e o Mercadão Leste, próximos a Igreja São Sebastião e o CEM 01 do Gama. O círculo roxo representa o local da Administração Regional e a 14ª delegacia de polícia. O rosa localizado no setor Sul, a nova localização



Fonte: [https://wiki.openstreetmap.org/wiki/Gama,\\_Distrito\\_Federal](https://wiki.openstreetmap.org/wiki/Gama,_Distrito_Federal)

Sendo uma das primeiras cidades-satélites do Distrito Federal, com a população em crescimento, o Gama tem grande representação na imprensa do DF. Na década de 1970 passou a ganhar mais notoriedade no periódico do Correio Braziliense quando Ildeu Araújo, possuindo uma coluna chamada “Gente e coisas do Gama”, levava as notícias da cidade para todo o Distrito Federal, e retratava os problemas recorrentes do dia a dia. Essa coluna funcionava como uma sucursal do jornal no Gama.

---

dos moradores transferidos da favela. Em 1970 e 1980 esses setores já estavam definidos, mas grande parte da população ainda morava no Setor Oeste, o processo de expansão foi lento, e como o tempo passou a se transferir para os setores Leste e Sul.

O *corpus* principal deste artigo, é formado por 36 notícias com o tema “inferninho” anunciado neste periódico sobre a “favela” produzidas entre 1972 e 1980 e que construíram narrativas sobre o que era apontado como “problema” recorrente na comunidade do Gama. As representações do Correio Braziliense acompanham desde o início as notícias da favela conhecida como “Inferninho”, enfatizando a opinião popular, todo o debate político da administração pública para a remoção dela, e mesmo após o seu fim, permaneceu nas notícias a analogia do uso do nome da favela para se referir aos seus antigos moradores.

Para se entender como a favela do “inferninho” foi tomando forma, temos que entender o período de surgimento das periferias no Distrito Federal, o crescimento populacional na década de 1970, assim como, observar as narrativas adotada pelo Estado referente aos indivíduos que lá viviam, construindo estigmas sociais, para degradar e subjugar as “invasões” e “favelas” do Distrito Federal.

## **2.Periferização do DF e suas narrativas.**

A viagem rumo a Brasília, através do Planalto Central, é uma jornada de separação. Faz o viajante confrontar-se com a separação entre a Brasília modernista e o Brasil de todos os dias; entre os densos povoamentos do litoral e o vazio do interior; entre o congestionamento e a aglomeração das grandes cidades e os silenciosos horizontes do planalto; entre as praças do interior, com suas feiras e suas conversas, e os espaços vazios de Brasília, onde não há praças nem feiras (...) <sup>8</sup>

A citação acima de James Holston, em seu livro a Cidade Modernista escrito em 1989 a partir de pesquisa de campo realizada em 1980, revela momentos importantes da urbanização do Distrito Federal e sua divisão social, principalmente quando, a capital Brasília e seu plano piloto, que é a área central da cidade, terminando seu processo de construção, vivenciou o “empecilho” das ditas “invasões” das famílias de trabalhadores, em sua maioria pobres e que eram a espinha dorsal para a construção, mas que representavam um incômodo para a capital planejada.

Para os arquitetos e idealizadores do projeto da construção da nova capital, essas comunidades, desde o início, seriam apenas temporárias, existindo somente até o fim das obras, portanto, sua permanência dentro da área central do plano piloto não contrastava

---

<sup>8</sup> James HOLSTON. A Cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia.SP: Companhia das Letras, 2005 p. 11



com a visão modernista da mesma, em função de sua provisoriedade. Milhares dessas famílias, oriundas de todo o território nacional, vieram para Brasília com o objetivo e sonhos de uma nova oportunidade de vida, influenciados pela propaganda do governo, e amontoadas em barracos de lonas e madeira, vivendo em situação precária, deram o suor e o sangue para erguer os diversos monumentos que retratavam “um projeto de ruptura com o passado e o avanço para um novo futuro próspero”, segundo uma narrativa do Estado. (HOLSTON 2005 p.13)

Observando o crescimento populacional das “invasões” no entorno da cidade de Brasília, o governo teve que alterar o projeto inicial, e passou a expandir a urbanização para todo o Distrito Federal com o objetivo de realocar para a periferia da cidade, todas famílias que não estavam diretamente ligadas às funções de administração da capital federal.

O processo de metropolização urbana de Brasília é descrito por Aldo Paviani<sup>9</sup> como algo que é, no mínimo, particular, já que inicialmente toda terra pertence ao governo do Distrito Federal, não sendo inicialmente passada a particulares e ao mercado privado. Deste modo, toda a urbanização das cidades periféricas de Brasília seria oriunda de um processo lento, “planejado” e unicamente realizada pelo Estado, e isso cria um elevado grau de discriminação social se comparada com os centros urbanos que crescem de forma “espontânea” e natural devido a organização espacial. (PAVIANI, 1987, p.38.)

A primeira localidade de periferia, Taguatinga, surge espontaneamente em 1958 e logo o governo se sente compelido a reconhecer a Vila. No momento da inauguração, o governo já se antecipa e são inauguradas também o Gama e Sobradinho. Brazlândia e Planaltina eram localidades preexistentes e que permaneceriam. Todo o restante das localidades, carregava esse caráter de provisoriedade, lugares com data marcada para acabar, e que a partir de 1960 se tornaram problemas para os poderes públicos. Paralelamente à tentativa de retirar as invasões, o Governo do Distrito Federal forçou um crescimento periférico e de caráter mais rural para o entorno do DF, valorizando o investimento em cidades fronteiriças do Goiás como Luziânia, Valparaíso, Cidade Ocidental, Novo Gama etc. Durante a década de 1970, houve um maior crescimento para

---

<sup>9</sup> PAVIANI, Aldo,(org).Urbanização e metropolização. Brasília, Editora Universidade de Brasília, Codeplan, c 1987, p.35-37.

transferir os residentes das ditas “invasões” no DF para essas cidades no Goiás, muitos se viam menosprezados e traídos pelo governo, compreendendo que estavam sendo “expulsos” do DF para um outro Estado menos “valorizado” nas políticas públicas. (PAVIANI, 1987, p. 37 a 44)

Como demonstra Paviani, as comunidades já formadas aqui no Distrito Federal não queriam abandonar essa região, já tinham um sentimento de pertencimento que foi construído desde a construção da capital, conforme enuncia a sua propaganda, estavam ali formadas famílias, e a taxa de natalidade dos brasilienses só crescia. No mínimo possuíam uma década de história vivendo na cidade e deixar esse passado novamente como fizeram ao vim pra Brasília, mesmo morando em situações precárias, era inadmissível para aqueles que ajudaram na construção e até foram representados por monumentos<sup>10</sup> no centro da cidade.

O processo de “imigração forçada” dentro do Distrito Federal, retirando os moradores do centro e os abrindo a dezenas de quilômetros de distância da capital, demonstra como esse processo de periferização foi se tornando cada vez mais evidente. Mas não era apenas se mudar do centro para a periferia, esse processo é lento, e para ter acesso aos terrenos, os cidadãos precisam enfrentar um Estado proprietário, a serviço da especulação imobiliária, e os valores das residências eram extrapolados a níveis mais altos, que forçava a desistência das comunidades mais pobres em adquirir terreno, a exemplo do que acontece na própria Ceilândia e origina o Movimento dos Incansáveis na década de 1970.<sup>11</sup> Diversas associações foram criadas, no intuito de facilitar as lutas judiciais entre as novas cidades que estavam surgindo e a Terracap que não queria ceder o terreno, demorando décadas para conseguir ao menos uma escritura do terreno.

Outro marco recorrente na periferização do DF é que as famílias pioneiras em cada cidade, tiveram que lutar muito contra o Estado para garantir o direito ao saneamento básico e infraestrutura em cada uma das cidades periféricas. Toda essa luta perante os surgimentos das cidades era apenas voltada para aquelas comunidades que já estavam

---

<sup>10</sup> **Os Candangos**, inicialmente chamado de **Os Guerreiros**, é uma obra [escultural](#) de [Brasília](#), no [Distrito Federal](#), localizada na [Praça dos Três Poderes](#), em frente ao [Palácio do Planalto](#). Criado em 1959 pelo escultor [Bruno Giorgi](#), o termo "candango" é inspirado na maneira como os negros intitulavam os portugueses.

<sup>11</sup> AMMANN, Safira Bezerra. Excluídos sim. Invasores não. In: PAVIANI, Aldo,(org).Urbanização e metropolização. Brasília, Editora Universidade de Brasília, Codeplan, c 1987 p.115

previamente estruturadas e “legalizadas” na visão do Governo do Distrito Federal, as ditas invasões e/ou favelas, nem cogitava receber qualquer apoio do governo, se o processo para quem já estava mais encaminhado na urbanização era lento, imagina para as comunidades mais pobres que “mal tinham um teto sobre a cabeça”. Estes, literalmente eram vistos como excluídos, até mesmo perante a periferização, ocasionando maiores desigualdades sociais. Outra recorrência se apresenta em função dessa atuação pouco eficaz do Estado: cada periferia já nasce originando outras periferias, ainda mais excluídas internamente.

Na literatura que trata de periferias, se indica que para os populares, os termos “favela” ou “invasão” são utilizados de forma comum, podendo ser considerados como sinônimos, entretanto, no Distrito Federal, é mais comum ver nas últimas décadas (a partir de 1990) o uso do termo “invasão”, entretanto, nas décadas de 1960 até 1980, os jornais comumente utilizam a expressão “favela” para designar estas localidades. Possivelmente, isso ocorre como referência à definição mais comum das comunidades em grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Politicamente, é recente o uso da expressão “favela” pelos movimentos sociais do DF, em grande parte decorrente da atuação da CUFA, Central Única das Favelas. Apesar disso, a autodefinição mais comum no DF é a expressão “periferia” ou mesmo, “satélites”. Com base nisso, as favelas como a do “Inferninho” demonstrado neste artigo, e as diversas outras similares que surgiram no DF, passaram por um processo de estigmatização para sufocar as comunidades e as forçaram a abandonar seus lares, além de modo a serem excluídos das narrativas, e se o Estado conseguisse, também da História. Sem dúvida, a grande mídia cumpre um papel importante na construção destes estereótipos.

### **3. Apresentação e Problematização dos recortes de jornais.**

O “inferninho” no Gama começou a tomar forma no decorrer da segunda metade da década de 1960. Jornais de grande circulação local, como o Correio Braziliense, noticiou que, do início até o fim da “invasão” se passaram por volta de 15 anos, portanto, pelo menos de 1965 a 1980, o Inferninho existiu e em grande parte deste período, seu crescimento e desestruturação foi acompanhado por notícias neste jornal.

Ao fazer a pesquisa procurando o termo “inferninho” na Hemeroteca Nacional, e utilizando o periódico do Correio Braziliense como base de pesquisa, as primeiras notícias atribuídas ao termo estão ligadas a invasões que ocorreram no Mercado Central Leste, remontam ao ano de 1972, onde uma breve notícia com fotografias demonstra “os problemas no Gama” e como ele estava lidando com surgimento de favelas em seu perímetro urbano. A manchete evidencia esta tônica: “Gama enfrenta problemas para progredir”<sup>12</sup> (Figura 3), e dentre esses problemas, se encontram as ditas “invasões associadas com um empecilho ao progresso e ao mesmo tempo, retrocesso social”.



**Figura 03** - Página do jornal Correio Braziliense em 24 de setembro de 1972, em destaque de amarelo a localização da notícia.

**Transcrição do trecho destacado:**

**“Gaminha e Favela”**

<sup>12</sup> **Correio Braziliense**, Gama Enfrenta Problemas para Progredir, dia 24 de setembro de 1972. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/27120](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/27120)

A área reúne um grande número de edificações de madeira na entrada da cidade satélite, é chamada “Gaminha”. No local, estão agrupados os barracos de propriedades daqueles que possuem precária situação econômica. Todas as ruas carecem de camada asfáltica, os buracos e valas, de grandes proporções, são constante perigo para as crianças. Ao lado da praça número 1, situado no centro da cidade, está a favela “Inferninho”, que reúne cerca de 300 invasores, morando em um galpão construído pelo ex-administrador regional e destinado ao comércio. Cada box (são todos fechados) reúne uma família, às vezes com mais de 9 filhos, vivendo na promiscuidade e sem alimentação satisfatória. Segundo informações dos comerciantes, a atual administração regional está permitindo a quem quiser comprar os “boxes”, visando afastar os invasores. No local, frequentemente são registradas brigas que torna necessário a intervenção da polícia e o meretrício “faz parte do dia a dia”.<sup>13</sup> (Correio Braziliense, 24 de setembro de 1972).

Neste período na década de 1970, junto com processo de periferação no DF observados anteriormente, diversas famílias chegaram ao Gama gerando um crescimento demográfico, ela sendo uma cidade planejada, não aceitava novo crescimento urbano, passando a tratar todas as construções residenciais novas como “invasões” e a administração pública não providenciava os serviços básicos necessários.

É sobre essa narrativa histórica, ao qual, foi feito o levantamento das fontes deste artigo, sobre esta comunidade específica do Gama no Distrito Federal, que popularmente passou a ser chama de “inferninho” e que a imprensa passou a usar esse termo como ferramenta de pesquisa em suas notícias levando a uma certa “propaganda” de medo e discriminação social.

Para entendermos melhor a construção da narrativa, temos que analisar as fontes jornalísticas de modo a compreender como esse “problema social” e o uso do termo “inferninho” foi sendo construído em analogia a uma comunidade julgada “perigosa” pela população, principalmente observando a narrativa jornalística que catalisam e construíam esse repúdio a imaginação dos brasilienses.

O termo “inferninho” em sua etimologia é o diminutivo de inferno e era bastante usado na narrativa popular como a designação de certas boates que são “menos refinadas”, ligadas a prostituição e com ambientes precários em relação a limpeza. O uso

---

<sup>13</sup> **Correio Braziliense**, Gama Enfrenta Problemas para Progredir, dia 24 de setembro de 1972. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/27120](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/27120)

do termo na favela surgiu de maneira popular, e nos dá pistas de como era o ambiente, muito ligados a esses casos de prostituição, bebedeira e baderna.

A favela, como relata a notícia de setembro de 1972, começou a tomar forma a partir da invasão dos moradores a uma estrutura que eram diversos boxes construídos para serem lojas comerciais. Devido a essa particularidade, a comunidade que ali vivia era vista como invasores não só de terras pertencentes ao governo, mas também como apropriadores de uma construção pública, sendo tratados desde o início como um problema de falta de gestão a ser resolvido.

Em 20 de novembro de 1973, é publicado um anúncio de um morador do “inferninho” que perdeu seus documentos, e solicita ajuda da comunidade para reaver os bens perdidos.

A próxima notícia que remete ao “inferninho” já é de novembro de 1975, quando acontece um assassinato dentro da “favela”, um caso policial, que ganhou notoriedade na cidade, criando uma maior reputação negativa de periculosidade, ao relacionar os crimes ocorridos com o próprio nome da comunidade “inferninho”.

#### **Lindalva “Piauí” mata a vizinha a facadas**

Lindalva Frutuosa da Cunha, mais conhecida como “Piauí”, matou com várias facadas a sua vizinha Divina Lázara Vieira, também chamada de Neusa, no aglomerado denominado “Inferninho”, no Gama. O crime ocorreu na manhã de sábado e foi presenciado por Neide Pereira que residia com a vítima, tendo sido registrado na 14ª DP.

A versão do homicídio, ainda não estava suficientemente esclarecida, ontem, mas algumas opiniões indicavam problemas mentais na criminosa e de Luziânia às pressas chegava Angélica Vieira, muito amiga da morta. Esta não sabia de nada e mostrava-se perturbada “com tudo o que ocorreu, lamentável mesmo.”<sup>14</sup>(Correio Braziliense, 03 de novembro de 1975)

No mesmo quadro na página do dia 03 de novembro abaixo da notícia do assassinato, um pequeno trecho de notícia descrevia o que é o “Inferninho”:

#### **O “INFERNINHO”**

Ao contrário do que se possa supor o “inferninho” do setor leste do Gama, na área do Itamaracá não é nenhuma boate. Trata-se de um ajuntamento de toscos barracos de madeira alguns - alguns de alvenaria -

---

<sup>14</sup> **Correio Braziliense**, Lindalva “Piauí” mata a vizinha a facadas, dia 3 de novembro de 1975. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/67540](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/67540)

que abrigam famílias paupérrimas. Ali se encontra alguns pontos de venda de pinga com um número permanentemente de beberrões totalmente embriagados.

No local onde residiam cerca de 40 famílias já funcionou o pioneiro Mercado do Setor Leste do Gama, e ali está hoje o Tabernáculo da Igreja Cristã Pentecostal. As famílias que aí residem deploraram o que houve, afirmando que talvez tenha sido fruto do estado mental das envolvidas “e da própria ignorância das pessoas.”

O problema de moradia que aflige Brasília é traduzido naquele local, onde num minúsculo barraco há várias divisões, provocando uma situação de promiscuidade que incentiva toda sorte de atritos entre seus moradores.<sup>15</sup> (Correio Braziliense, 03 de novembro de 1975)

Nestes trechos de notícias citados acima, na diagramação, não possuem nenhuma imagem referente aos casos, e também devido ao assassinato um pequeno trecho na primeira página do jornal encaminha para essa notícia crime e caracterização do “Inferninho”. Nota-se também a forma como se é construído o discurso perante o assassinato, em contrapartida com as pessoas que viviam na comunidade, mostrando um certo descaso perante o ocorrido, quase como algo rotineiro, de uma briga ocorrida devido problemas mentais de uma das envolvidas, algo que iremos abordar melhor mais adiante ao se analisar melhor os Estigmas.

As próximas notícias já se remetem ao ano de 1977, este ano é o divisor de águas perante a narrativa sobre o “Inferninho”. Lembramos que a favela já existe desde 1965 naquele local, e as primeiras notícias sobre a mesma, que são registradas no periódico do Correio Braziliense, como vimos ser em 1972, esse hiato de sete anos referente ao surgimento e até a primeira notícia merece uma análise perante as narrativas.

O periódico do correio foi inaugurado junto com a metrópole Brasília em 21 de abril de 1960, nesses primeiros anos muitas das notícias eram ligadas diretamente à construção e aos projetos da nova capital. As periferias ainda estavam em seus primórdios, as notícias eram sobre os problemas enfrentados na construção e transferência das vilas centrais para o dito entorno, sobre os fatos do dia a dia dessas cidades pode se notar que houve uma demora até ganharem uma maior relevância na narrativa. As notícias do Gama, por exemplo, eram mais no sentido de crescimento urbanístico, a sua localidade dentro da área da fazenda Gama, a questão da criminalidade que é sempre retratado, e a

---

<sup>15</sup> **Correio Braziliense**, O” Inferninho”, dia 3 de novembro de 1975. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/67540](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/67540)

divulgação do cartaz do cine Itapoã<sup>16</sup>, que foi um dos primeiros cinemas do Distrito Federal, praticamente do lado do “Inferninho”.

Em 1977, foi inaugurado no Gama a sucursal do Correio Braziliense que levaria as demandas do dia a dia da população para as páginas do jornal. Ildeu Araújo, jornalista da região, passou a ser o responsável e o nome que se destacava nas notícias do Gama, dando uma maior notoriedade às narrativas da cidade, e demonstrando os motivos do ano de 1977 ter muitas notícias importantes ligadas ao “inferninho”.

Outro marco para a cidade e também para a comunidade do “Inferninho” foi a atuação do administrador da cidade perante o problema da urbanização. Antônio Valmir Campelo Bezerra<sup>17</sup>, foi o administrador de 1974 a 1981, e durante sua administração que grande parte das obras estruturais do Gama foram feitas, e também lutou para solucionar os problemas das” invasões”, sendo um dos principais articuladores do estado para a remoção do” Inferninho”. (Figura 04)

---

<sup>16</sup> Fundado em 1963 por uma iniciativa privada, o Cine Itapuã, no Gama, é o segundo espaço cultural mais antigo do Distrito Federal, ficando atrás apenas do Cine Brasília, inaugurado em 1960. Na década de 1980, empresários do Gama compraram o espaço e doaram ao GDF, que transferiu a gestão do local para a Administração Regional da cidade. Fechado desde 2005.

<sup>17</sup> Filho de João Amaro Bezerra e Raimunda Campelo Bezerra é Bacharel em Comunicação Social (1968) pela Universidade de Brasília com especialização em administração pública e desenvolvimento urbano na Alemanha ingressando no serviço público como chefe de gabinete da Fundação do Serviço Social do Distrito Federal em 1971. Dois anos mais tarde exerceu a mesma função junto à Secretaria de Governo e foi presidente interino da Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central e a seguir foi administrador regional das regiões administrativas de **Brazlândia** (1973), **Gama** (1974-1981) e **Taguatinga** (1981-1985). Por um breve período foi presidente da Fundação do Serviço Social do Distrito Federal em 1986. O **Estádio Bezerrão**, no Gama, leva seu nome.





Figura 04- Página do jornal com a notícia sobre a favela e o relatório de criminalidade.

Em 10 de abril de 1977 a notícia “Gama reclama a remoção do “Inferninho””, foi uma das primeiras notícias sobre a questão da retirada da comunidade. Com imagens mostrando o retrato da situação acompanhando a notícia, o destaque era a sua localização bem no centro da cidade a uma centena de metros da administração regional, com o discurso de um lugar totalmente maléfico para o retrato da cidade.

[...]Situado no centro do gama, bem próximo à administração regional e colado ao principal cinema da cidade no início do Setor Industrial está o conhecido “Inferninho”, antro de perdição, conhecida maloca de marginais, prostitutas, pontos de encontro dos viciados e traficantes e, ainda, algumas famílias, que dizem ter adquirido por Cr\$ 2.000,00 (dois mil cruzeiros), o direito (preço de hoje), para viver num ambiente de imunda promiscuidade. [...]18

Nesta mesma notícia, está relatado também um relatório de 19 de abril de 1976 da seção de investigação criminais da Delegacia do Gama, cujo Delegado forneceu para a

18 **Correio Braziliense**, Gama Reclama a remoção do “inferninho”, dia 10 de abril de 1977. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/86790](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/86790)

Administração Regional, e que posteriormente foi encaminhado para Terracap sobre os crimes ocorridos nos anos anteriores sobre o palco conhecido por “Inferninho”. O relatório divulga que em 1975 ocorreram 02 homicídios e 10 lesões corporais dolosas; e em 1976 até o dia 15/04, 01 homicídio e 03 lesões corporais dolosas, e que esses problemas atuavam como uma verdadeira espada de Dâmocles<sup>19</sup> a oscilar sobre os responsáveis do Complexo Administrativo do GDF.

Com o relatório de criminalidade encaminhado para a Terracap, as notícias de 04 de maio de 1977 apontam, que a “Terracap vai estudar o caso Inferninho”. O Superintendente do órgão Armando Colavolpe, demonstra que resolverá junto a administração como prosseguir sobre o caso, e também ressalta que este problema entra na questão social, já que são famílias de origem humilde vivendo no local e sem ter outro lugar para morar, iniciará também o processo de cadastramento para saber quem realmente vive naquele local. Colavolpe deixa claro na notícia que não há um prazo para a remoção das famílias.

No “inferninho” tudo era coletivo, os poucos boxes de alvenaria, possuíam mais que uma família, os poucos barracos de madeira construído ao redor se uniam também de forma coletiva; banheiros; lavador e a única torneira e fonte de água disponibilizada pela CAESB<sup>20</sup> eram todos coletivos; que chegaram a suportar até 200 famílias morando no

---

<sup>19</sup> **Dâmocles** era um cortesão bastante bajulador na corte do tirano Dionísio, de Siracusa. Ele dizia que, como um grande homem de poder e autoridade, Dionísio era verdadeiramente afortunado.

Dionísio ofereceu-se para trocar de lugar com ele por um dia, para que ele também pudesse sentir o gosto de toda esta sorte, sendo servido em ouro e prata, atendido por mulheres de extraordinária beleza, e servido com as melhores comidas. No meio de todo o luxo, Dionísio ordenou que uma espada fosse pendurada sobre o pescoço de Dâmocles, presa apenas por um fio de rabo de cavalo. Ao ver a espada afiada suspensa diretamente sobre sua cabeça, Dâmocles perdeu o interesse pela excelente comida e pelas belas mulheres e abdicou de seu posto, dizendo que não queria mais ser tão afortunado.

A espada de Dâmocles é uma alusão frequentemente usada para remeter a este conto, representando a insegurança daqueles com grande poder (devido à possibilidade deste poder lhes ser tomado de repente) ou, mais genericamente, a qualquer sentimento de dano iminente.

<sup>20</sup> A **Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal (Caesb)** é a companhia de saneamento brasileira do Distrito Federal. Atua em todas as regiões administrativas do Distrito Federal e em alguns municípios do Entorno. Sua organização segue os conceitos de uma empresa estatal na categoria de Sociedade de Economia Mista. Possui o monopólio sob a utilização e comercialização dos recursos hídricos da região do Distrito Federal regido por contrato de exclusividade até 21 de maio de 2032

local, e esses ambientes sempre eram demonstrados em fotografias nas notícias para mostrar o retrato daquela população.

No decorrer do ano de 1977, se continuou as notícias sobre o “inferninho”, sempre levantando as narrativas de demérito do local, e os debates dos órgãos públicos perante a remoção da favela. Em dezembro deste mesmo ano, a notícia sobre “Terracap garante a retirada, afinal, do famoso Inferninho”, articula sobre quais foram os rumos tomados pelo órgão, que determinam a todos os moradores da comunidade, por ordem judicial, a total desocupação do local, com o prazo de 30 dias, e segundo as notícias, criando uma alusão de que se havia chegado ao fim esse problema que aflige a comunidade do Gama que na época já possuía 200 mil habitantes.

O ano de 1978 iniciou com a notícia sobre o “Inferninho” voltada principalmente para a contribuição da sucursal do Correio Braziliense no Gama com a questão da retirada da favela, e também como o ano anterior de 1977 foi um ano de muitas realizações na cidade.

#### “INFERNINHO”

A Sucursal do “Correio Braziliense” batalhou durante todo o ano pela solução do grave problema social em que se constitui um Inferninho, localizado à entrada da cidade e bem próximo à administração regional.

Antes do final do ano, podemos levar a todo o gama as palavras do próprio superintendente da Terracap colocando um ponto final naquele cancro que vinha atrapalhando o melhor desenvolvimento da cidade. Resta agora aliar a boa solução encontrada pela empresa responsável uma outra também igual para os infelizes moradores do local.<sup>21</sup> (Correio Braziliense, 18 de novembro de 1977)

O caso sobre a favela parece ter sido encerrado, bem segundo a narrativa do governo do Distrito Federal e também da Terracap. Mas como sabemos o “Inferninho” só foi removido realmente em 1980, e neste ano de 1978 até 1979, nada se foi dito nas notícias do jornal sobre o problema, observando um certo silêncio e esquecimento da comunidade e principalmente os seus problemas, ou literalmente aguardando para que as famílias se retirassem.

---

<sup>21</sup> **Correio Braziliense**, Gente e coisas do Gama (Ildeu de Araújo), dia 18 de dezembro de 1977. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/97927](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/97927)

Já no primeiro mês de 1979, chega a notícia dos problemas que o Gama enfrenta, e mais uma vez um dos problemas graves da cidade é o “Inferninho”. A notícia traz uma imensa foto de crianças jogando bola no campo com a favela ao fundo, “o campo do “Inferninho”, e descontraída pelada” (Figura 05) como afirma a notícia. Essa perspectiva mostrando as crianças da favela continuam até a remoção da mesma, mudando a narrativa para o apelo social, mostrando o descaso do governo perante a fragilidade da infância em uma situação de abandono e miséria no centro de uma cidade que vende a visão de prosperidade e qualidade de vida.



Figura 05- A Página do jornal com a imagem da pelada no campo ao lado do “Inferninho”, e também as de crianças junto a um barraco no local.

Entre 1978 e 1979 houve uma diminuição da quantidade de famílias moradoras da favela desde a ordem judicial da Terracap, de cerca de 200 famílias em 1978 caiu para cerca de 100 em 1979. Por outro lado, parte da favela recebeu um impasse sobre a

remoção, algumas famílias receberam casas nas Shis<sup>22</sup> do Gama, a questão é que segundo a notícia<sup>23</sup> de 7 de janeiro de 1979, essas famílias venderam as casas novas e retornaram para a favela, deste modo, não podendo ser novamente retiradas pois já constavam no sistema como beneficiária da moradia, isso gerou novos debates perante o governo do Distrito Federal e a imprensa ao relatar esses fatos.

Quatro meses depois, em maio de 1979, como saíram diversas famílias do “Inferninho”, a nova notícia afirmava como a favela estava em nova fase de crescimento. Novamente como é corriqueiro nas notícias, narra como surgiu a favela, a precariedade da situação, a criminalidade, e principalmente demonstrando a quantidade de crianças que viviam em meio a sujeira e a doenças, junto com os animais que são caracterizados como proliferadores das mesmas. As imagens de crianças brincando na sujeira, assim como também mostrando os banheiros coletivos de madeira ao lado do terreno, levava ao leitor um pouco dessa realidade que para muitos eram distopias da realidade.

Em seu último ano de existência, as notícias sobre o “Inferninho” continuavam ligadas principalmente a uma narrativa de abandono social, com as famílias pedindo apoio para a remoção e melhores condições de vida. Com fotos geralmente de crianças, mostrando sempre elas interagindo com o ambiente, deixava claro para o leitor como a situação era deplorável. Houve também uma maior humanização sobre a comunidade, trazendo entrevistas com os moradores, tratando a favela como um cortiço na narrativa e também como a ajuda da caridade era necessária com suas doações de alimentos, roupas e brinquedos.

As “invasões” no Gama em 1980 estavam sendo atenuadas, e segundo as notícias, grande parte da população estava vendendo os terrenos mais valorizados, ou literalmente os abandonando-os para irem morar no estado do Goiás, já que o crescimento urbano ali era mais acelerado se comparado com o Distrito Federal. Noticiavam que em relação a um novo crescimento dessas periferias estava controlado, e aqueles que não deixaram a

---

<sup>22</sup> Alusão às ruas arborizadas do amplo Setor de Habitações Individuais Sul, ou SHIS, em Brasília que têm diversas mansões e embaixadas. No caso das cidades satélites essas Shis, estavam mais ligadas a novos bairros construídos sem pertencerem à planta original da cidade, e também relacionado a uma exclusão da cidade por representar a letra X.

<sup>23</sup> **Correio Braziliense**, Inferninho; A narrativa do problema, cem famílias e a dificuldade de remoção das mesmas; dia 7 de janeiro de 1979. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/115494](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/115494)

cidade estavam passando por um novo processo de cadastramento para serem novamente transferidos de localidade.<sup>24</sup>

Com essa nova fase do “Inferninho” em 1980, o governo começou a trabalhar para uma “remoção social”. A Terracap que antes apenas estipulou uma ordem de despejo, agora trabalha em conjunto com a Secretaria de Serviço Social e também com a Fundação de Serviço Social, travando um diálogo para a remoção das famílias.

### **Inferninho tem medo do diabo solto**

As famílias que residem no antigo mercado do Setor Leste do Gama, denominado de “Inferninho”, prosseguem aguardando uma solução para o seu problema, seja através da Terracap, em conjunto com a Secretaria de Serviço Social e Fundação do Serviço Social, ou seja através de um outro órgão público. Acham que a demora é muito grande, já preencheram dezenas de formulários, dizendo da situação de cada um, a maioria não dispõe de meios para a aquisição de um simples medicamento.

O caso é tanto mais doloroso, quanto se sabe que muitos ali se encontram desempregados, uns fazem pequenos biscates, praticamente todos os trabalhadores avulsos, não descontam contribuição para o INAMPS<sup>25</sup> e existe muitas viúvas com vários filhos.

São cerca de 100 famílias que amontoam pelos diversos cômodos que outrora faziam parte do pioneiro mercado do Setor Leste da cidade que foi recuado posteriormente para as proximidades da praça matriz de São Sebastião.

### **NOVE FORA NADA**

Sem água, sem luz, exalando constantemente uma terrível fedentina, o chamado “Inferninho” foi acrescido de alguns barracos de madeira, resultado do problema da falta de moradia que afeta o DF, em função do fluxo de migrantes que continua a se dirigir em massa para o Planalto central, mais precisamente para a Capital que foi aqui plantada a partir de 1956.

O seu único divertimento é um largo que foi improvisado em campo de futebol onde jogam adultos e crianças. Com relação a estas últimas existe mais um problema: verminose. As mães mostram-se aflitas com a questão e por isso não vêem a hora de uma mudança para um local mais limpo.<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> **Correio Braziliense**, Sob controle: As invasões do Gama, as políticas do governo para a remoção e estão sob controle segundo o administrador, dia 16 de março de 1980. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_03/2782](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_03/2782)

<sup>25</sup> O **Inamps** se constituía como a política pública de saúde que vigorava antes da criação do SUS e foi extinto pela lei federal 8.689, em 1993.

<sup>26</sup> **Correio Braziliense**, Inferninho tem medo do diabo solto, dia 25 de fevereiro de 1980. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_03/2020](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_03/2020)

Transcrição da notícia do dia 25 de fevereiro de 1980.

A notícia do dia 12 de agosto de 1980 anunciava:” Inferninho do Gama é removido” (figura 06), com a fotografia de uma criança ao fundo em cima de um amontoado de entulho, e sua bicicleta no primeiro plano. Chegava ao fim após 15 anos, a favela mais infame do Gama e possivelmente também no Distrito Federal no período que existiu, e toda sua trajetória de lutas contra os estigmas gerados pela narrativa hegemônica associadas ao seu nome será lembrada nos periódicos que registraram e contribuíram para esses fatos. Sobre a comunidade, foram removidos “na surdina” como diz a notícia, para evitar que novos invasores chegassem e ocupassem de novo o lote, ao todo 67 famílias residiam ali, foram na maioria remanejados para o Setor Sul, transferidos para nova Quadra 03 nos conjuntos J, H e I, iniciando uma nova jornada como pertencentes da periferia do Gama, e esta da periferia da Brasília.



Figura 06- Página inicial do jornal destacando a remoção do “Inferninho”.

No geral, as notícias sempre traziam a mesma narrativa e analisando elas juntas, nota-se uma mudança de perspectiva no decorrer dos anos. Inicialmente estavam mais

ligadas ao local, a forma de como as pessoas viviam naquele ambiente, assim como ligados a bebidas e drogas, o uso do termo “promiscuidade” era comum quando o jornal noticiava algo sobre o “Inferninho”. Posteriormente, a mudança de narrativa foi entrevistar aqueles moradores, tentar entender a forma como viviam naquele local, era comum os sujeitos serem entrevistados e contarem sua história para o jornal, uma ferramenta para sensibilizar as pessoas sobre o local, assim claro, como o apelo para as imagens das crianças que brincavam em um mundo imaginário no local. Vale ressaltar que todos os moradores entrevistados, mostravam em seu relato serem mães trabalhadoras, pessoas do trabalho informal, diaristas, bombeiros hidráulicos, etc, e que mesmo desempregados, mostra uma realidade no mínimo discordante daquelas levantadas pelo jornal.

#### 4. As fontes e os Estigmas

Um dos conceitos de Estigma segundo o dicionário: se refere aquilo que é desonroso, indigno, labéu; sendo algo nada positivo perante o indivíduo. Erving Goffman<sup>27</sup>, no primeiro capítulo de seu livro “Estigma: notas sobre a Manipulação da identidade Deteriorada.” de 1963, retrata como surge o estigma quando começa a surgir discrepâncias e entre a identidade social real e a identidade social virtual, sendo a primeira composta pelos atributos que o indivíduo demonstra socialmente, e a segunda se relaciona com o que é atribuído coletivamente ao indivíduo, as demandas e expectativas encontrados na sociedade. (GOFFMAN, Cap. 1, 2004, p. 05 a 19)

A ideia do autor não se relaciona apenas com as questões do que é honroso e desonroso como afirma o conceito da palavra, e sugere que tem mais a ver com os estereótipos construídos perante o indivíduo, sendo assim, não depende dos atributos do indivíduo em si, mas de toda uma linguagem de relações proporcionados por aqueles que exigem uma demanda e expectativa, se sustentando apenas na identidade social virtual do indivíduo. (GOFFMAN, Cap. 1, 2004, p. 05 a 19)

---

<sup>27</sup>**Erving Goffman**, foi um cientista social, antropólogo, sociólogo e escritor canadense. Foi considerado "o sociólogo norte-americano mais influente do século XX". Em 2007, foi listado pelo “The Times Higher Education Guide” como o sexto autor nas ciências humanas e sociais mais citado, atrás de Anthony Giddens e à frente de Jürgen Habermas.



As pessoas que são estigmatizadas em uma sociedade assumem uma característica distintiva, mesmo ela não assumindo essa característica passam a ser desacreditadas perante os demais e não são vistas como iguais dentro de uma estrutura social. Dentre os diversos tipos de estigma, Goffman enumera 3 tipos: (1) as abominações do corpo; (2) culpas de caráter individual e que a sociedade constrói como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, alcoolismo, homossexualismo, comportamento político radical e (3) estigmas tribais de raça, nação e religião – classe também. (GOFFMAN, Cap. 1, 2004, p. 07)

A comunidade do “Inferninho” sem dúvida vivenciou muito os estereótipos sociais entorno das questões do estigma construído por Goffman, por exemplo, o próprio nome da comunidade se originou de uma identidade social virtual, ao se criar uma analogia com boates e a questão da prostituição. Aqueles indivíduos nunca tiveram uma oportunidade de serem reconhecidos como moradores do Gama, eram as pessoas que viviam em um estado de descrença perante a comunidade, e segundo a visão das mesmas, era um problema que deveria ser resolvido, quase uma relação de civilizado e bárbaro da representação de mundo da Grécia antiga.

Para entender melhor os estigmatizados, temos que analisar a narrativa e os sujeitos da história durante a existência do “Inferninho”, observando suas representações visuais para com a sociedade, junto com os diversos adjetivos adquiridos ao se referenciar a comunidade. Claro que não podemos fugir de sermos cúmplices de uma narrativa histórica estigmatizada, pois como observamos nas notícias, tudo que se falava do “Inferninho” seguia essa ideologia de discriminação perante o responsável pelo discurso.

O primeiro sujeito, sem dúvida, é o jornal do Correio Braziliense e sua percepção de noticiar os casos ocorridos no “Inferninho”, como não temos uma narrativa paralela refutando as notícias do jornal, e sobre a importância da imprensa para a pesquisa deste artigo, focamos na melhor forma para tentar explicar os processos da narrativa histórica, sem cometer anacronismos nas análises das notícias.

A primeira notícia do “Inferninho” ainda na década de 1970, traz em seu título “Gaminha e Favela”, ambas são comunidades que eram similares, mas distintas em uma perspectiva urbanística. O Gaminha foi se estruturando dentro do parque urbanístico do Gama, basicamente era uma das quadras da cidade, que devido ao número de locais de

prostituição, passou a ser malvisto, e também devido a criminalidade e a bebedeira. A favela do “Inferninho” como vimos foi a tomada de uma construção abandonada por aquelas pessoas (a maioria oriunda do nordeste brasileiro) que não tinham onde morar quando chegaram em Brasília e se depararam com seu caos urbanístico e social em relação às famílias pobres.

Vale ressaltar que na cultura brasileira, e também em diversas outras no mundo, esses locais de prostituição sempre foram e são um tabu para a sociedade, qualquer estabelecimento desse tipo recebe um forte teor de repúdio e preconceitos. Esse preconceito pode também ser usado como desculpas para se justificar um problema oriundo de outras causas, como falta de políticas sociais do governo, por exemplo, e no caso do “Inferninho”, mesmo se houvessem certas práticas de prostituição e também crimes, esta narrativa generalizava e marginalizava todos os moradores da comunidade.

O caso do assassinato a facadas da Divina Lázara por Lindalva “Piauí”, mostra outro retrato, que segundo a notícia foi por motivo de loucura, e intriga por uma das partes, criando claro, cada vez mais formas diferentes de estigmas perante a comunidade nas notícias. A narrativa sempre relembra o que é o “Inferninho” com sua “promiscuidade”, a forma desumana que viviam aquelas pessoas, a bebedeira, a sujeira, as doenças, para não se esquecer dos estigmas já construídos, mudando apenas uma breve narrativa para acrescentar novos adjetivos a favela.

Na época era ainda permitido se usar fotos de crianças nos jornais sem ofuscar sua identidade, e isso foi bastante usado para descrever a favela na segunda fase, mas de uma forma bastante relativa, pois a notícia escrita não contrastava muito bem com a imagem, já que uma criança que brinca e tenta se divertir com tamanha precariedade, nada tem de culpa perante a notícia de que onde ela mora é um risco para a sociedade do Gama.

Colocar a favela como aquilo que só porque possui o nome “Inferninho”, “solta o diabo para atormentar a vida de todos”<sup>28</sup> (Figura 7) é um descaso e preconceito exacerbado com aqueles que mal têm o que comer, e fazendo piadas ao se comparar com

---

<sup>28</sup> **Correio Braziliense**, Fôlego de Gato; prova de capacidade para convivência com favelados e invasores, dia 2 de setembro de 1979. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/126527](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/126527).

um” Fôlego de gato” pois a mesma nunca acaba, e ainda se coloca que há” uma esperança de que dias melhores virão”. Essa narrativa representa apenas os que observam de fora, pois aqueles que viviam lá, e eram comparados a cortiços do início do século XX, possivelmente mal tiveram a chance de ler as notícias sobre suas formas de subsistência.



**Figura 07-** Página da notícia de 02 de setembro de 1979, e sua analogia com Fôlego de gato, mostra a triste situação na favela.

Mesmo com a remoção total da favela em agosto de 1980, outro fator de permanência do estigma com a comunidade foi a forma como o governo usou isso como propaganda para justificar a remoção de outras invasões dentro do Distrito Federal. As notícias ainda se referenciava como antigos moradores do “Inferninho”, não dando uma nova identidade para a comunidade, e mesmo morando em uma nova área e legalizados, os tratavam como moradores de uma periferia distante.

Uma notícia<sup>29</sup> que chama a atenção, foi no fim de 1980, quando as chuvas do fim de ano castigaram a população do Gama perante uma forte ventania. Os recém transferidos do “Inferninho” que mal ganharam formas de construir suas casas; quando saíram da invasão a Legião Brasileira de Assistência (LBA)<sup>30</sup>, disponibilizou apenas alguns caibros de madeira para as colunas, algumas telhas e lonas para fazer o teto e as paredes de suas moradias; e que como uma falta de sorte que sempre castigou aquela comunidade, foram desabrigados perante as fortes chuvas que sempre assolam o Gama e necessitavam de doações.

Os estigmas sobre a comunidade foi perdendo força quando as notícias não interessavam mais a imprensa que já visava outras comunidades e problemas sociais mais relevantes para se resolver em todo Distrito Federal, deram o caso do “Inferninho” como encerrado nas narrativas, deixando apenas um registro de um passado discriminatório sobre uma das muitas favelas que surgiram no DF. As últimas notícias remetem a venda do terreno do local da antiga favela, dando lugar a comércios que prevalecem até a atualidade.

## 5. Considerações Finais

As mudanças no planalto central com a construção de Brasília na década 1950, vai muito além das visões utópicas daqueles que a idealizaram. Iniciando um novo processo migratório, milhares de famílias dos mais variados níveis culturais, tiveram

---

<sup>29</sup> **Correio Braziliense**, Fome vem com chuva no Gama: Como a chuva e a ventania deixou as pobres famílias transferidas do “inferninho” ao relento depois de ter seus barracos destruídos, dia 23 de novembro de 1980. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_03/12759](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_03/12759)

<sup>30</sup> A **Legião Brasileira de Assistência** (LBA) foi um órgão assistencial público brasileiro fundado em 28 de agosto de 1942 pela então primeira-dama Darcy Vargas, com o objetivo de ajudar as famílias dos soldados enviados à Segunda Guerra Mundial, contando com o apoio da Federação das Associações Comerciais e da Confederação Nacional da Indústria.

Através do Decreto-lei nº 593, de 27 de maio de 1969, a LBA foi promovida de sociedade civil a fundação, adotando o nome **Fundação Legião Brasileira de Assistência**, mas mantendo a mesma sigla LBA, e vinculada ao Ministério do Trabalho e Previdência Social. Pela Lei nº 6.439, de 1º de setembro de 1977, a LBA ficou vinculada ao Ministério da Previdência Social. Pelo art. 252 do Decreto nº 99.244, de 10 de maio de 1990, passou a ser vinculada ao Ministério da Ação Social.

Em 1991, sob a gestão de Rosane Collor, foram feitas diversas denúncias de esquemas de desvios de verbas da LBA, como uma compra fraudulenta de 1,6 milhão de quilos de leite em pó. A LBA foi extinta através do art. 19, inciso I, da Medida Provisória nº 813, de 1º de janeiro de 1995, publicada no primeiro dia em que assumiu o governo o presidente Fernando Henrique Cardoso. Na época da sua extinção, a LBA estava vinculada ao Ministério do Bem-Estar do Menor.

como destino a nova capital que se formava ao meio de muito barro e poeira, com o objetivo de uma mudança de vida, se estabeleceram ao redor da nova metrópole que nascia.

Não sendo bem recebidas no retrato próspero da nova capital, as famílias foram forçadas a se retirarem para o entorno, iniciando um novo processo forçado de migração com os surgimentos das cidades do entorno, as "Cidades-satélites". Esse processo de periferização criou novos conflitos, aumentando a desigualdade perante o abandono, criando cidades sem o mínimo de infraestrutura. Invasões eclodiram com o aumento populacional, favelas foram perseguidas pelo governo, retratadas como um “inferno na terra”, pessoas comuns e trabalhadoras sendo associadas a “promiscuidade”, a bebedeira e a vagabundagem, as ferramentas para estigmatizar essas comunidades foram diversas.

Mostrar o relato de pessoas que viveram em regiões como o "Inferninho" do Gama, e analisando o discurso da imprensa perante essas comunidades, que não existem devido a vitória do governo para transferirem em prol do planejamento, demonstra como o processo urbanístico de construção de Brasília era tão discrepante. Ao ponto, que os projetos urbanísticos gastavam milhões de toneladas em concreto, deixando seus operários morando sobre as sombras dos sacos vazios de cimento, sobre a madeira reutilizada dos moldes dos alicerces, retratando o Brasil que todos conhecemos, que em um horizonte se tem o projeto moderno de ricos investidores e do outro os amontoados de barracos das grandes favelas.

No Gama o “Inferninho” deixou uma marca em sua história, o retrato de uma comunidade no centro da cidade que forçava a todos a passar longe, das notícias exageradas sem o verdadeiro retrato da realidade. Enquanto para muitos ali como era noticiado era o “inferno na terra”, para aqueles que lá vivia, era uma simples construção abandonada que abrigou quem mais precisava, que deu um teto melhor do que para aqueles que construíram Brasília, que mesmo com poucos boxes, famílias possuíam alvenaria como moradia, e por este fator, podemos dizer que se saíram melhor que muitas outras cidades e favelas similares no Distrito Federal.

No período da publicação deste artigo, no local que existiu o “Inferninho” é um grande mercado atacadista, um dos primeiros da cidade, que atrai diversos moradores da classe média do Gama para as compras, e muitos destes jamais ouviram falar e se ouviram

esqueceram, que uma história social tão marcante de miséria e abandono na cidade, esteja nos alicerces do local que hoje é sinônimo da fartura e do progresso capitalista.

## **FONTES**

### **Correio Braziliense (DF):**

Gama Enfrenta Problemas para Progredir, dia 24 de setembro de 1972. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/27120](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/27120) Acesso em 14 de janeiro de 2023.

Perca de documento-morador perde documento anúncio, dia 20 de dezembro de 1973. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/42309](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/42309) Acesso em 14 de janeiro de 2023.

Lindalva Piauí matou Divina a Facadas. Foi no Gama no “inferninho”, dia 03 de novembro de 1975. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/67536](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/67536) Acesso em 14 de janeiro de 2023

Lindalva “Piauí” mata a vizinha a facadas, dia 3 de novembro de 1975. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/67540](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/67540) Acesso 14 de janeiro de 2023

Gama Reclama a remoção do “inferninho”, dia 10 de abril de 1977. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/86790](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/86790) Acesso em 14 de janeiro de 2023.

Terracap vai estudar caso do inferninho, dia 4 de maio de 1977. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/87686](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/87686) Acesso em 14 de janeiro de 2023.

Breve reportagem sobre o caso do inferninho e sua solução, dia 8 de maio de 1977. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/87848](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/87848) Acesso em 14 de janeiro de 2023.

Gente e coisas do Gama (Ildeu de Araújo), dia 15 de maio de 1977. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/88151](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/88151) Acesso em 14 de janeiro de 2023.

Gente e coisas do Gama (Ildeu de Araújo), dia 17 de julho de 1977. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/92313](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/92313) Acesso em 14 de janeiro de 2023.

Meios Fios e a colocação de meio fios no vulgo balão do “inferninho”, dia 20 de novembro de 1977. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/96580](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/96580) Acesso em 14 de janeiro de 2023.

Terracap garante a retirada, afinal, do famoso Inferninho, dia 11 de dezembro de 1977. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/97554](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/97554) Acesso em 14 de janeiro de 2023.

Gente e coisas do Gama (Ildeu de Araújo), dia 18 de dezembro de 1977. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/97927](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/97927) Acesso em 14 de janeiro de 2023.

“Inferninho”; A luta do Correio Braziliense que batalhou para resolver o problema do inferninho, dia 1 de janeiro de 1978. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/98453](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/98453) Acesso em 14 de janeiro de 2023.

Gama; Setor Leste; os problemas do setor leste do Gama, a continuação do “inferninho”, dia 3 de janeiro de 1979. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/115277](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/115277) Acesso em 14 de janeiro de 2023.

Inferninho; A narrativa do problema, com famílias e a dificuldade de remoção das mesmas; dia 7 de janeiro de 1979. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/115494](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/115494) Acesso em 14 de janeiro de 2023.

“Inferninho”, a favela, está em nova fase de crescimento, dia 4 de maio de 1979. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/120780](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/120780) Acesso em 14 de janeiro de 2023.

Inferninho: Crianças amargam no Gama, condição de vida sub-humana, dia 3 de junho de 1979. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/122233](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/122233) Acesso em 14 de janeiro de 2023.

Invasões estão proibidas de aumentar drama, dia 22 de julho de 1979. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/124613](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/124613) Acesso em 15 de janeiro de 2023.

Fôlego de Gato; prova de capacidade para convivência com favelados e invasores, dia 2 de setembro de 1979. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/126527](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/126527). Acesso em 15 de janeiro de 2023.

Panorama: breve notícia sobre a situação do inferninho e a retirada das famílias, dia 7 de outubro de 1979. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/128120](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/128120) Acesso em 15 de janeiro de 2023.

Panorama: “Inferninho” ponto de referência do Gama e continua lá, dia 25 de novembro de 1979. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/130392](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/130392) Acesso em 15 de janeiro de 2023.

Criança inventa tudo para criar o mundo infantil, dia 20 de janeiro de 1980. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_03/739](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_03/739) Acesso em 14 de janeiro de 2023.

Inferninho tem medo do diabo solto, dia 25 de fevereiro de 1980. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_03/2020](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_03/2020) Acesso em 14 de janeiro de 2023.

Sob controle: As invasões do Gama, as políticas do governo para a remoção e estão sob controle segundo o administrador, dia 16 de março de 1980. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_03/2782](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_03/2782) Acesso em 14 de janeiro de 2023.

“Inferninho” aguarda providências, dia 25 de julho de 1980. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_03/8036](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_03/8036) Acesso em 14 de janeiro de 2023.

Inferninho do Gama é removido, dia 12 de agosto de 1980. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_03/8722](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_03/8722) Acesso em 14 de janeiro de 2023.

“Inferninho” do Gama desaparece: sessenta e sete famílias transferidas para o setor sul, dia 12 de agosto de 1980. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_03/8731](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_03/8731) Acesso em 14 de janeiro de 2023.

Satélites: Exemplo da remoção do inferninho no Gama para outras invasões no DF, dia 15 de agosto de 1980. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_03/8863](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_03/8863) Acesso em 15 de janeiro de 2023.

Empresário crítica situação econômica: A valorização e o interesse do lote do “inferninho” perante sua valorização e futura construção comercial, dia 18 de agosto de 1980. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_03/8976](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_03/8976) Acesso em 14 de janeiro de 2023.



Estudo apressa remoção: Exemplo da remoção do inferninho no Gama para outras invasões no DF como essa no Núcleo Bandeirante, dia 21 de setembro de 1980. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_03/10237](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_03/10237) Acesso em 14 de janeiro de 2023.

Vento causa destruição: Um vendaval destruiu as casas das famílias que foram remanejadas do “inferninho”. Vila Campelo Bezerra antiga invasão “inferninho”, dia 20 de novembro de 1980. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_03/12658](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_03/12658) Acesso em 14 de janeiro de 2023.

Fome vem com chuva no Gama: Como a chuva e a ventania deixou as pobres famílias transferidas do “inferninho” ao relento depois de ter seus barracos destruídos, dia 23 de novembro de 1980. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_03/12759](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_03/12759) Acesso em 18 de janeiro de 2023.

Indenização não alivia miséria: O caso de Áurea Gaité e seus nove filhos que foi uma das famílias que foram transferidas para o setor sul saindo do “Inferninho”. Vila Valmir Campelo Bezerra, dia 6 de dezembro de 1980. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_03/13235](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_03/13235) Acesso em 18 de janeiro de 2023.

LBA entrega presente aos pobres: A distribuição de filtros e colchoes para os recém transferidos do “Inferninho”. Venda futura dos lotes pela Terracap, dia 16 de dezembro de 1980. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_03/13658](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_03/13658) Acesso em 18 de janeiro de 2023.

Saneamento, o principal no Gama em 1980, dia 28 de dezembro de 1980. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_03/14027](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_03/14027) Acesso em 18 de janeiro de 2023.

Gama quer lojas no “Inferninho”: O futuro do lote aonde se localizava o “inferninho” sua venda e novo espaço comercial, dia 6 de março de 1981. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_03/16045](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_03/16045) Acesso em 18 de janeiro de 2023.

## REFERÊNCIAS

AMMANN, Safira Bezerra. **Excluídos sim. Invasores não.** In: PAVIANI, Aldo,(org).**Urbanização e metropolização.** Brasília, Editora Universidade de Brasília, Codeplan, c 1987.

BERTONE, Leonor Ferreira. **O Estado e a urbanização do Distrito Federal**. In: PAVIANI, Aldo,(org).**Urbanização e metropolização**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, Codeplan, c 1987.

BRANCO, Lúcio Castelo. **Brasília: do centro a periferia ou uma viagem redonda**. In: PAVIANI, Aldo,(org).**Urbanização e metropolização**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, Codeplan, c 1987.

GAMA, Administração Regional do. Disponível em <https://www.gama.df.gov.br/> . Acesso dia 07 de fevereiro de 2023.

GOFFMAN, E. **Estigma** - Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada - capítulo 1: Estigma e Identidade Social 4ª Ed. Rio de Janeiro. LTC, 2004.

HOLSTON, J. **A Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia**/ James Holston; Tradução Marcelo Coelho. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

LUIZ, Edson Beú. **A desconstrução do espaço físico e cultural dos filhos dos candangos**. In: KUYUMJIAN, Márcia M.M. (org.). **Semeando cidades e sertões: Brasília e o Centro-Oeste**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2010

OLIVEIRA, Maria Luíza Peluso de. **Contradições e conflitos no espaço de classes: centro versus periferia**. In: PAVIANI, Aldo,(org).**Urbanização e metropolização**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, Codeplan, c 1987.

PAVIANI, Aldo,(org).**Urbanização e metropolização**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, Codeplan, c 1987.

TURKIENICZ, Banamy. **A morfologia das cidades-satélites de Brasília**. In: PAVIANI, Aldo,(org).**Urbanização e metropolização**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, Codeplan, c 1987.